



VI Colóquio Internacional “A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

EXPERIMENTANDO CINEMA NUM LUGAR-ESCOLA: A PARTIR DE FRAGMENTOS (DE FILMES) DE BRASIL E CHINA EM TRANSFORMAÇÃO

Katharine Rafaela Diniz Nunes

Universidade Estadual de Campinas

katharinediniz07@gmail.com

Resumo

Atentando-se a demandas de políticas públicas como a Lei 13.006/14 (acerca da exibição de filmes de produção nacional em escolas de todo o Brasil) e o Programa “Cinema & Educação: A experiência do cinema na escola de educação básica municipal” da Secretaria de Educação do Município de Campinas, pretende-se contribuir para o debate sobre o papel das tecnologias audiovisuais na escola pública hoje e que potências estéticas elas podem incorporar/vibrar desse tipo de lugar. Através da metodologia da cartografia, esta pesquisa propõe acompanhar como repercutirá - entre estudantes e professores de escolas públicas - a vivência de um cineclube dedicado não só a ver e a conversar, mas a produzir imagens. A partir da exibição de fragmentos de filmes contemporâneos brasileiros e chineses sensíveis às transformações urbanas e sociais sentidas no cotidiano, são propostos exercícios de experimentação - com gravação/edição de vídeo e computação gráfica - que pretendem fazer o cinema operar de uma outra forma na escola, cuja reprodução de uma mensagem e/ou roteiro fechado não terá centralidade (MIGLIORIN); permitindo que a produção de imagens seja atravessada pelo acaso e por forças/materialidades de um lugar-escola (OLIVEIRA JR.); pensado aqui como a coexistência de uma multiplicidade de trajetórias humanas e inumanas que envolve contato e negociação (MASSEY).

Palavras Chave: Cinema na educação; Cultura digital; Escola pública; Experimentação; Lugar.

Introdução

Pretendo apresentar parte da proposta e dos processos/resultados da pesquisa de doutorado “EXPERIMENTANDO CINEMA NUM LUGAR-ESCOLA: a partir de fragmentos (de filmes) de Brasil e China em transformação”, realizada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE-UNICAMP, Brasil), sob orientação do Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Júnior. Esta investigação é vinculada aos projetos de pesquisa “Dispositivos de criação e a experiência do cinema na escola de educação básica do município de Campinas” e “LUGAR-ESCOLA E CINEMA: afetos e metamorfoses mútuas - do espaço às filmagens, das filmagens ao espaço”, coordenadas por pesquisadores do Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO da FE-UNICAMP. E é parceira do “Programa Cinema & Educação - A Experiência do Cinema na Escola de Educação Básica Municipal”, criado pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas para dialogar com o processo de regulamentação da lei 13.006/14, que prevê exibir - como componente curricular complementar - duas horas de cinema nacional por mês em todas as escolas de educação básica. A seguir, articularei os principais conceitos mobilizados pela pesquisa, cujas



VI Colóquio Internacional “A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

referências serão apresentadas em “Desenvolvimento”:

Através do método da cartografia, temos acompanhado encontros entre cinema e escola, ao tentar gestar um cineclube escolar que não só assiste e conversa com, mas que produz imagens audiovisuais, atravessadas por forças e materialidades do espaço escolar. Tal produção tem sido agenciada por uma maneira “outra” (através de “dispositivos de criação de imagens”) do cinema operar num lugar (-escola), a partir de experimentações estéticas não roteirizadas (e que não priorizam a reprodução de uma narrativa, mensagem ou sentido preconcebidos), amplamente abertas ao acaso e às formações do presente, ou seja, aos ritmos e fluxos que atravessam esse lugar. Esperamos que, ao se experimentar junto, essa vivência de cineclube propicie tatear/inventar/traçar gestos de contato com o outro (diferença) e com o dissenso, para que práticas e relações educativas também outras possam surgir desses cruzamentos. E para que o próprio cinema seja desafiado - em sua expressão e abordagem do espaço - ao ter que lidar com devires imprevistos provocados/permeados pela copresença de uma constelação específica de (des)conexões de trajetórias escolares. Até o momento, os exercícios de experimentação audiovisual foram realizados com educadores das escolas públicas - situadas em Campinas - CEI Gessy de Camargo e CEI José Vilagelin Neto, em 2018, e da EEI Prof. Zeferino Vaz, em 2019.

Desenvolvimento

Nas sessões de cineclube, assistimos fragmentos de filmes de um conjunto de obras brasileiras (pernambucanas) e chinesas (do cineasta Jia ZhangKe) sensíveis às transformações urbanas e sociais sentidas no cotidiano de pessoas cujo modo de vida local, comunitário e/ou público está constantemente sendo ameaçado por interesses de grandes corporações privadas com apoio do Estado. Das maneiras de filmar/montar presentes nessas obras, elaboramos desafios de experimentação - envolvendo gravação/edição de vídeo e computação gráfica – através dos quais produzimos outros filmes.

Para esta pesquisa-intervenção, experimentação é abertura para o devir. Nos atentamos para a possibilidade de experienciar um modo de fazer imagens e sons que esteja aberto a algo mais que a representação de algo já conhecido. Por isso, apostamos na inserção de ações que possam ampliar a intensidade dos desvios, sem controlar os sentidos que resultarão desse fenômeno, de modo a fazer emergir alguma parcela do real que já afeta a escola mas que ainda não foi “notada” (não se fez sensível ao pensamento, por exemplo).

Temos chamado essas ações de "dispositivos de criação de imagem", como uma derivação da concepção de "dispositivo" proposta por Cezar Migliorin (MIGLIORIN, 2015) e o projeto “Inventar com a diferença: cinema, educação e direitos humanos” (MIGLIORIN et al, 2014). O dispositivo seria um desafio de experimentação cuja reprodução de uma mensagem e/ou roteiro fechado não tem centralidade, permitido que a produção imagética seja atravessada pelo acaso e por forças/materialidades de um lugar(-escola). O conceito de lugar está sendo pensado aqui como a coexistência de uma multiplicidade de trajetórias humanas e inumanas que envolve contato e negociação, e não por algum parâmetro de localização, de extensão, de origem ou de identidade (MASSEY, 2008). Pois, segundo



VI Colóquio Internacional “A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Massey, o que dá a um lugar sua especificidade, não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações (MASSEY, 1991, p. 184).

Utilizamos a Cartografia, um método de pesquisa - baseado nos pensamentos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) e de Fernand Deligny (1971; 2009; 2015) - que acompanha processos inventivos e de produção de subjetividade, em forte relação com o contexto espacial onde eles se dão. Nos interessa cartografar as linhas intensivas que possam configurar acoplamentos corpo-câmera, em que se filme não somente com os olhos, mas com mãos, pés, joelhos, vísceras, enfim, com todo o corpo que, junto a uma câmera e/ou a softwares de simulação de movimentos e de edição de vídeo, passe a compor um híbrido, em que ambos se metamorfosem ao se afetarem mutuamente. Consideramos que os “dispositivos de criação de imagens” aplicados em nossas oficinas participam desse método, uma vez que atuam como intervenções nos contextos de aprendizagem de cinema na escola que fazem emergir linhas de intensidade diversas (tanto no cinema quanto na escola). Para acompanhar a reverberação dessas linhas, utilizamos diversas ferramentas para registrar/apresentar o trabalho de campo através de paisagens e sensações - como relatos, anotações e desenhos feitos em caderno de campo, presença em intervenção semanal, filmagem das atividades com os participantes das oficinas, reflexão sobre o material criado por eles, articulação de conversas nos momentos de cineclube e o que mais surja de intensidade desses encontros - para podermos traçar um mapa (aberto) que se configura não como a representação do que aconteceu, mas como uma invenção da própria pesquisa, como um traço a mais na vida comum que emergiu nas intervenções.

Em nossas experimentações, temos apostado no uso de softwares livres e de código aberto, para que as tecnologias envolvidas nos exercícios de criação não sejam encaradas somente como ferramentas, mas como espaços sociais em si (PRETTO, 2017, p. 41), por envolverem muito diálogo em seu desenvolvimento e uso. Para ser considerado como “livre”, um software deve garantir direitos fundamentais a seus usuários, como os de usar, estudar, copiar, alterar seu código-fonte e redistribuir uma nova versão do programa; assegurando, além disso, que suas derivações também sejam livres. Essa contínua transformação e reinvenção, potencializa relações de *igualdade de inteligências* (RANCIÈRE, 2015) que possam vir a negociar múltiplos comuns. A igualdade, aqui, está sendo pensada como reconhecer a plena capacidade dos envolvidos inventarem com o mundo em que vivem: conhecendo, comparando, agindo e usufruindo dos sentidos humanos e das potências de suas comunidades, seja fazendo diferença dentro delas, seja sendo afetados por suas soluções e problemas. Assim, seria possível gerar um reparticionamento de evidências sensíveis (RANCIÈRE, 2009), que revele, ao mesmo tempo, a existência de um comum e de como ele se presta à participação: que lugares, quem e como os ocupa. Desta forma, estudantes e professores podem entrar em contato com diversos fóruns e canais de vídeos onde milhares de usuários conversam sobre como estão usando um software para resolver alguma questão estética para a qual ele não foi desenhado (ainda), ensinar como realizar esses novos usos e/ou discutir como modificarão esse programa para fazê-lo virar outra coisa.

Ao ver-conversar-produzir junto, temos tecido uma rede/comunidade de cinema



VI Colóquio Internacional “A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

(GUIMARÃES, 2015) que dá a ver as muitas fraturas do comum, uma aprendizagem das vizinhanças que acolhe ao mesmo tempo que não tem a intenção de fundir, onde se constituiriam frágeis aproximações entre trajetórias heterogêneas. Não seria apenas tolerar ou aceitar o outro, mas, habitar na invenção de um mundo em que algo se faça junto, mesmo que mantendo outras coisas inconciliáveis. O maior propósito de uma comunidade de cinema é apostar na potência da arte de partilhar de outro modo o comum de uma comunidade, na medida em que pode desestabilizar a distribuição dos lugares e das identidades (GUIMARÃES, 2015, p. 46). Assim, o que configurará as (des) aproximações de ideias e sensações entre as pessoas que participa(re)m desta situação de cineclube, serão os afetos que surgirem da exposição a um fragmento de filme (bem como a uma proposta de produção de um) e ao acontecimento de suas falas se fazerem presentes, circulando e sendo colocadas à prova dos demais; e não (só) por participarem de uma mesma classe/função social, religião, bairro ou qualquer outro tipo de comunidade/identificação preexistente à essa experiência.

Desta forma, uma comunidade de cinema está sempre porvir, não tem um “povo” previsto/suposto (nem que será). Nesse contexto, mais importante do que preparar o grupo sobre a imagem que será vista, explicá-la ou usá-la como ilustração (de uma ideia que se quer discutir de antemão), apostamos na experiência direta com o fragmento de filme, como se fosse uma travessia: a partir da qual a realidade emerge como impureza, como mistura, povoada de múltiplas vozes que precisarão lidar com diversos mundos e alteridades através do cinema. Pois quando um estudante e/ou professor atravessa um filme, sai de lá com uma inteligência dele, uma maneira pela qual foi tocada por ele; e nessa experiência há saber.

Conclusões

Os resultados desta pesquisa têm mostrado como é interessante ter elementos das materialidades, forças, ritmos e fluxos escolares "inundando" obras audiovisuais. Os cruzamentos de experimentação mediados pela pesquisa têm desestabilizado e repartido (em coletivo) tempo e espaço imagético, reinventando um comum partilhado que propicia encontros inusitados consigo e com o outro (a diferença).

A partir dos cruzamentos de criação estética entre corpos, equipamentos audiovisuais, programas e sistemas informáticos, temos percebido também que boa parte das atuais políticas públicas brasileiras de inclusão digital escolar se dedicam mais à capacitação para consumo/reprodução de ferramentas e de espaços digitais de forma preconcebida e induzida, do que a potencializar práticas de experimentação/intervenção. Tal situação se agrava intensamente no atual contexto de quarentena da COVID-19, já que atividades presenciais foram suspensas e comunidades escolares estão sendo compelidas por governos a existir/transitar/produzir conteúdo somente através desses sistemas privados (e fechados), para exercer seu direito público à educação.

Apoiando-se em iniciativas de licenciamento como a *Creative Commons*, em projetos comunitários de softwares e hardwares livres e de código aberto, e em padrões abertos, temos defendido (NUNES; MIRANDA; PUSTILNIK, 2019) que as relações entre educação escolar e tecnologia ultrapassem os níveis de usuário-consumidor, para alcançar direitos de questionamento e de intervenção, permitindo que se possa pautar maneiras de atuar social e



VI Colóquio Internacional “A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

politicamente para além do que foi previamente programado por mercados e/ou por Estados.

Desta forma, temos contribuído para o debate sobre o papel das tecnologias audiovisuais na escola pública hoje e que potências estéticas elas podem incorporar/vibrar desse tipo de lugar(-escola).

Referências

- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELIGNY, F. *Los vagabundos eficaces*. Barcelona: Editorial Estela, 1971.
- _____. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- _____. *Permitir, Trazar, Ver*. Barcelona: Museu d’Art Contemporani de Barcelona, 2009.
- GUIMARÃES, C. O que é uma comunidade de cinema?. *Revista ECO-Pós*, v. 18, n. 1, p. 45-56, 2015.
- MASSEY, D. *Pelo espaço - uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- _____. Un sentido global del lugar. (1991) In: ALBET, A.; BENACH, N. (Orgs.). *Doreen Massey – un sentido global del lugar*. Barcelona: Icaria Editorial, 2012.
- MIGLIORIN, C. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.
- _____; et al. *Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos*. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- OLIVEIRA Jr, W. M. A infância da cidade: o que podem imagens feitas por crianças pequenas para pensar a cidade?. *Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE.UFES*, v. 49, p. 4-21, 2019.
- _____. Outros espaços no cinema contemporâneo: campo de experimentações escolares?. *Quaestio*, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 67-84, maio. 2016.
- _____. Variações em um lugar-escola através atravessado pelo cinema e.... *Linha Mestra*, v. XI, p. 42-49, 2017.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015 (2009).
- PRETTO, N. de L. *Educações, Culturas e Hackers*. Salvador: Edufba, 2017.
- NUNES, K. R. D.; MIRANDA, C. E. A.; PUSTILNIK, M. V; *Inclusão digital, escola e cidadania*. *Educação e Cultura Contemporânea*, v. 16, p. 469-484, 2019.
- RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. *O mestre ignorante*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.